



Livres e punidos – cinema, memória e racismo ambiental: implicações para a educação ambiental crítica

Free and condemned – cinema, memory and environmental racism: implications for critical environmental education

JESUS JUNIOR, CL
Mestrando/FFP-UERJ

Resumo: Em Santa Fé, povoado surgido na década de 70, em União dos Palmares (AL), cerca de 100 famílias se dividem entre os 21 pavilhões de uma colônia prisional desativada, ocupada por estes desde 1989 como moradia provisória. Este trabalho foi idealizado com foco na escola que ocupa o pavilhão de entrada do povoado. Para minha inserção no município, ofereci gratuitamente a oficina audiovisual Memória Portátil, para produção de filmes etnográficos. Este artigo abordará duas questões que envolvem o processo de investigação, ligadas ao Racismo Ambiental, e que terão como metodologia o processo já iniciado nestas oficinas: 1) Como a produção de memória presente através do audiovisual colabora para a reflexão dos moradores sobre sua situação; 2) Como o imaginário das crianças do povoado, através de filmes de animação viabilizará uma educação ambiental crítica? A metodologia se baseará na primeira oficina realizada em 2013 com professores da rede pública local.

Palavras-chave: Memória; cinema; racismo ambiental

Abstract: In Santa Fé, a village arisen in the 1970s in União dos Palmares (AL), approximately 100 families are spread out among the 21 pavilions of a derelict prison colony, in which they live since 1989 as temporary residence. This work was excogitated focusing on the school that exists in the village's entrance pavilion. To approach the town, I offered free of charge the Portable Memory audio-visual workshop, for the production of ethnographical films. This article will deal with two questions involving the investigation process, which are linked to Environmental Racism. The methodology used is the process already started in these workshops: 1) How the production of present memory, through the audio-visual, aids the citizens in reflecting on their situation; 2) How the village children's imagination, through animation films, can enable a critical environmental education? The methodology is based on the first workshop realized in 2013, with local public school teachers.

Keywords: memory; cinema; environmental racism

1. Introdução

Assisti, em 2010, na Rede Globo de Televisão, a uma reportagem cujo assunto era a história da colônia prisional de Santa Fé. Fiquei impressionado com as condições insalubres dos moradores apresentadas naquela rápida exibição, falando sobre a enchente na região e de como os desabrigados foram acolhidos nesta construção com outros já residentes. Sou cineasta e a esta altura, meu trabalho cinematográfico¹ vinha se consolidando na temática social e étnica. Desde então planejei fazer um documentário sobre porque pessoas livres optariam por viver em celas? Cinco anos antes de assistir à reportagem sobre Santa Fé, eu iniciei viagens frequentes a Maceió, capital de Alagoas, em função da relação de amizade e religião com os membros do Grupo União Espírita

¹ Filmes autorais de curta-metragem em animação, ficção e documentário.

Santa Bárbara (GUESB), que desenvolve há anos trabalhos sociais no bairro de Village Campestre II, comunidade na periferia, próxima ao Campus Universitário da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e do aeroporto Zumbi dos Palmares. Coincidentemente esta ONG Espírita², o GUESB, iniciou, em 2011, um projeto social de música e dança para os jovens de Santa Fé, com apoio da prefeitura de União dos Palmares, que permaneceu até o final das eleições de 2012, quando, com a troca do prefeito, foi desfeito o patrocínio (salário dos monitores das oficinas artísticas) e o projeto foi interrompido.

Durante esses quatro anos, entre assistir ao programa, e chegar pela primeira vez a União dos Palmares, pensei em transformar esse meu questionamento do documentário em um projeto de dissertação na área de Memória Social. Pensava nisto movido pela questão dos signos e significados daquele espaço com janelas gradeadas funcionar como moradia, quando estes moradores poderiam construir em outros espaços.

Em paralelo à carreira de realizador e produtor independente de cinema, me consolidei, desde 2007, como educador audiovisual em inúmeros cursos livres em projetos sociais, e quando tive uma oportunidade de realizar uma oficina no final do mês de julho de 2013, em Recife, solicitei à produção da oficina que adiasse minha volta para o Rio de Janeiro em dez dias, sem custos adicionais de estadia para eles. Em seguida, entrei em contato com a secretaria de cultura local, por intermédio de uma integrante do GUESB que trabalhou no projeto em Santa Fé, e ofereci uma oficina gratuita de cinema documentário, que era um projeto recém-criado chamado Memória Portátil, em troca de alimentação, estadia e traslado Recife, União dos Palmares, Recife. Eles aceitaram e assim fiz a primeira de 3 viagens que fiz à cidade, ainda no segundo semestre de 2013. Nesta viagem realizei a primeira oficina “Memória Portátil” que rendeu o filme “Águas no Muquém”, tema escolhido pelos alunos, sobre uma história passada durante a enchente do Rio Mundaú de 2010, quando cerca de 30 pessoas ficaram penduradas em um Pé de Jaca durante aproximadamente 10 horas, vendo as águas levarem todos os seus bens. Com o retorno ao Rio de Janeiro, e em posse da pesquisa e primeiras filmagens e entrevistas do futuro documentário, chamado Pavilhões, optei por ingressar no Mestrado em Educação, o qual já frequentava como ouvinte, com o projeto “Livres e Punidos: Santa Fé na Educação”.

2. Mundaú

Mundaú! — rio torto — caminho de curvas,
por onde eu vim para a cidade
onde ninguém sabe o que é caminho.

Jorge de Lima

Após a morte de Zumbi dos Palmares, no final do século XVII, a vila criada próxima ao extinto Quilombo dos Palmares foi batizada de Santa Maria Madalena, que se tornou a padroeira da cidade. Mais tarde, Santa Maria Madalena passou a se chamar Vila Nova da Imperatriz, após a visita da Imperatriz Leopoldina em 1831, e se tornou União, logo após a Proclamação da República, por decreto lei que a transformou em município, em função da União Ferroviária Alagoas/Pernambuco. Palmares foi agregado a seu nome somente em 1944. União dos Palmares, se localiza aos pés da Serra da Barriga e sua área faz parte da bacia do Rio Mundaú.

² ONG é a sigla para Organização não Governamental, no caso, formada por membros da sociedade civil, unidos e atuando em prol de alguma causa social ou cultural.

O Rio Mundaú corta os estados de Pernambuco e Alagoas. Mundaú em Tupi significa "Água de Ladrão" (mondá=roubar, e y=água). Sua bacia hidrográfica percorre 141km por trinta municípios, mas o ladrão de seu volume é a represa "Cajueiro", em sua foz, Garanhuns/PE, que retém aproximadamente 1 milhão de litros de água. O princípio deste trajeto revela, assim, uma situação de seca na região, atribuída ao fato de a água do Mundaú ter como principal função, nestes municípios, atender à pecuária e à agricultura.

O povoado de Santa Fé, desde 1989, recebe os desabrigados das repentinas cheias do Rio Mundaú. Além deste ano, União dos Palmares e as cidades vizinhas ao Rio sofreram mais três enchentes: 2001, 2003 e 2010, que causaram enormes danos, fazendo moradores de várias zonas rurais e quilombos perderem todos os seus pertences, de eletrodomésticos a animais.

A água encanada para uso doméstico só chega ao povoado até a frente da escola, e esse cano d'água é administrado por uma rolha improvisada. O cano sai de dentro da terra, enlameada pelo chorume das fossas. Este fornecimento de água funciona principalmente na parte da manhã, e os moradores trazem latas e garrafas para abastecer seus lares, os quais, em sua maioria, não dispõem de banheiros. O fato é que a maioria dessas famílias que moram nas celas destes pavilhões tenha ido morar provisoriamente lá por causa de uma enchente, e convivem com a falta d'água pela opção de fugir do aluguel, como um morador me relatou.

As enchentes não são o único motivo para a ocupação dos pavilhões do povoado. A partir do momento que Santa Fé virou moradia, ainda que temporária, e com a promessa do poder público de construção de casas populares para os residentes do povoado, outras famílias migraram para lá, e se juntaram a tantas que, a partir da enchente de 2010, se cadastraram para os primeiros conjuntos habitacionais construídos para atender prioritariamente aos desabrigados desta última enchente.

Nem todos lamentam ainda não ter conseguido sua casa. Em uma entrevista para o documentário "Pavilhões", uma moradora me relatou:

(...) eu tenho orgulho de morar aqui sim... foi aqui que eu criei meus filhos, que eu vi crescer, eduquei meus filhos, que hoje já estão todos grandes, crio meus bichos, de onde tiro uma renda... podem dizer: você mora no pavilhão, mas eu tenho orgulho de morar aqui. (Moradora 1)³

Ela afirma isso com orgulho após relatar os problemas de saúde que deixaram seu marido sem poder trabalhar como cortador de cana, e falar sobre o preconceito que sofre por parte de alguns moradores por ser católica, em uma comunidade essencialmente evangélica pentecostal. A moradora citada anteriormente vive em meio aos arames farpados que, como em outros pavilhões, fazem o papel de suporte para as divisórias de lençóis ou varais para roupa dentro de casa, e imagens de Nossa Senhora e Padre Cícero. Ela descreve como as vizinhas que vão a casa dela criticam sua opção religiosa ao olhar suas imagens, em uma cidade em que tudo remete a uma santa do catolicismo.

Pensar que algumas famílias tiveram seus filhos criados neste panorama, é o que nos traz uma questão: qual a influência deste ambiente prisional e a referência de lar temporário para essas crianças?

³ Os depoentes entrevistados terão, neste artigo, suas identidades preservadas e serão identificadas por sua condição, seguido de numeração.

3. A escola

A Escola Municipal Maria Mariá de Castro Sarmiento, cuja construção foi adaptada a partir dos dois pavilhões da entrada da Colônia Prisional de Santa Fé, povoado que funciona há oito quilômetros do centro de União dos Palmares, atende crianças de várias regiões do município, mas prioritariamente as crianças do povoado de Santa Fé. Maria Mariá de Castro Sarmiento foi uma figura histórica da região. Importante notar que seu nome tenha sido dado a uma escola que se localiza dentro de uma estrutura prisional, já que ela

Destacou-se na defesa das liberdades femininas (foi primeira mulher a usar calças compridas e maiôs), na busca de uma educação moderna (aboliu, nas suas aulas, a "palmatória" e as pedrinhas que os alunos tinham de mostrar à professora à hora de ir ao banheiro) e se posicionou publicamente contra o descaso público com a educação. (ROSA E SILVA, BOMFIM, 2007, p.34).

O público atendido pela escola é quase integralmente formado dentre os moradores deste povoado, no ensino fundamental e médio, pertencentes às classes mais baixas, que se sustentam com trabalhos eventuais de seus adultos (cortadores de cana ou vivem de pequenos e esporádicos trabalhos braçais e por benefício do Bolsa-família⁴), vivendo na zona rural afastada do centro da cidade, que não conta com um sistema de transporte regular (os moto-taxis e eventuais micro-ônibus interestaduais são as opções). Desde 2013 a prefeitura disponibiliza um ônibus nos horários de entrada e saída dos turnos para levar os professores (que não residem no povoado). A escola é toda pintada em cor verde, assim como o posto de saúde ao seu lado, e conta com onze salas de aula, das quais só duas (as da entrada do primeiro pavilhão) têm janelas livres, e as demais são fechadas no concreto quadriculado, cujos buracos quadrados não cabem sequer um braço de criança. Os conteúdos e material didático da escola seguem o padrão educacional que diverge do perfil do povoado.

Caminhando pelo povoado encontro, por entre as grades da janela de um pavilhão vazio, um púlpito sobre um praticável⁵, com frases cristãs em cartazes de papelão feitos com recortes, como se fosse uma atividade escolar, dentre tantas outras espalhadas pelas paredes. A religião está presente de forma não explícita na comunidade, mas faz parte de todo o processo de isolamento do povoado, inclusive das dinâmicas em encontros de pais de alunos e professores, como aconteceu no início do ano letivo com momento de louvor e oração na abertura da reunião.

4. Memória portátil

A ideia do curso Memória Portátil surgiu quando escrevi, para o Serviço Social do Comércio (SESC)⁶, em 2012, um projeto de curso de vídeo para telefones celulares, já que os novos modelos ganharam esta função, alguns com qualidade superior às filmadoras domésticas. Na época eu era educador de vídeo na Nave do Conhecimento -

⁴ O Programa Bolsa Família (PBF) é um programa de transferência direta de renda com condicionalidades, que beneficia famílias em situação de pobreza (com renda mensal por pessoa de R\$ 70 a R\$ 140) e extrema pobreza (com renda mensal por pessoa de até R\$ 70), de acordo com a Lei 10.836, de 09 de janeiro de 2004 e o Decreto nº 5.209, de 17 de setembro de 2004. Fonte: Ministério de Desenvolvimento Social.

⁵ Andaime, no caso de madeira, facilmente desmontável e portátil.

⁶ Instituição de parceria público e privada que utiliza um percentual dos impostos do comércio em atividades sociais em benefício dos comerciários, assim como cursos que atendem a sociedade em geral.

Nova Brasília, projeto de ensino e recreação multimídia da prefeitura, sediado na comunidade de Nova Brasília, no Complexo do Alemão no Rio de Janeiro; e já tinha orientado vários vídeos etnográficos realizados pelos alunos, resgatando histórias míticas como a do Apocalipse do Alemão (quando um balão de São João caiu nos postes de energia provocando explosões de noite e os moradores achavam que o mundo estava acabando, em 1988); e biografias de moradores, como a mais velha parteira e rezadeira da comunidade e alguns imigrantes nordestinos que tornaram aquela comunidade o seu lar.

Inspirado nesses resultados, inclusive com alguns desses filmes alcançando festivais de cinema, levando meus estudantes a outros ambientes até então inacessíveis a eles, eu formatei um curso neste perfil para que os estudantes de União dos Palmares, onde realizei pela primeira vez este curso, aprendessem em um curso intensivo e expresso, a metodologia de pesquisa, argumento, roteiro e realização de um documentário, desde que escolhessem um tema de história local. Meu plano de trabalho para cumprir este curso e alcançar o meu objetivo de pesquisar e filmar o meu documentário (até então ainda não existia o projeto de dissertação) foi lecionar a oficina pela manhã para a turma, e ir à Santa Fé nas tardes.

O curso se baseava em cinco aulas teóricas e práticas, com a pesquisa do tema correndo em paralelo (cheguei lá na última semana do recesso escolar, e os professores foram liberados para participar das aulas). Para a minha sorte o tema escolhido pelos professores/estudantes do curso foi o reflexo da enchente de 2010 no Quilombo do Muquém⁷, na periferia de União do Palmares, mas do lado oposto ao do povoado de Santa Fé. O Quilombo do Muquém se localiza às margens do Rio Mundaú, e a história do documentário realizado pelos estudantes, *Águas no Muquém*, se refere à memória dos moradores que passaram cerca de 10 horas pendurados em dois Pés-de-jaca, muitos destes idosos, vendo a enchente destruir parte das casas, levar seus bens e matar seus animais.

Em uma semana de produção esses professores da rede pública local aprenderam o básico de roteiro e pesquisa, foram à comunidade buscar personagens e agendar as entrevistas, aprenderam o básico em operação de câmera, e em um dia completo filmamos o documentário, e definimos juntos no último dia de oficina a linha do tempo da edição do documentário, ou seja, a execução do pré-roteiro a partir dos depoimentos dos moradores. O resultado foi um documentário de 25 minutos, carregado de emoção ao relembrar, três anos após o incidente, o drama de tentar salvar suas vidas pendurados àquelas árvores rígidas, os dois pés-de-jaca que sustentaram cerca de 30 pessoas. O que surgiu de importante a partir dos relatos e das entrevistas deste documentário para a minha futura dissertação foi como se desenvolveu o processo da enchente, algo que não foi o meu foco na pesquisa para o meu documentário que fazia em paralelo.

Segundo relato de uma das senhoras artesãs do Muquém, Quilombo, que foi uma das várias localidades que enfrentou diretamente o poder das águas por ser ribeirinha. A neta dela, que trabalha na empresa que gere a represa de Cajueiro, só que sediada em Minas, soube com horas de antecedência que o nível do rio Mundaú subiria e ligou para o seu celular mandando a avó se retirar de lá. Ela, descrente que a cheia seria nesta proporção, só deslocou os móveis, eletrodomésticos, geladeira e fogão para cima de bancos e mesas, o que costumava ser o procedimento padrão, e olhar o nível do rio eventualmente. Outra senhora colocou logo cedo pedaços de bambu dentro d'água até a

⁷ Muquém é sinônimo de árvore de tronco rígido e galhos grossos.

parte plana fora do rio, e contou que a cada momento que verificava, um dos bambus estava submerso, até perceber que a enchente tomara uma proporção maior. Importante dizer que não chovia na região até o meio da tarde, mas é possível que a represa tenha participação no incidente.

Após o roteiro dos alunos, passei aquela noite e a manhã do dia seguinte no hotel, finalizando o documentário, para ter a sua primeira versão (que acabou sendo a versão final) apresentada na própria comunidade no Muquém. As crianças se divertiam em ver seus parentes e vizinhos na tela, e os participantes, principalmente os idosos, se emocionaram em relembrar a história e se ver na tela. A representatividade para eles de saber que este momento de suas vidas será preservado foi expressada após a sessão em falas ao microfone para toda a comunidade, em agradecimento aos jovens realizadores.

A produção fílmica dentro deste trabalho revelou três detalhes que considero importantes para a contextualização, a esses professores, de uma educação ambiental crítica: 1) a contextualização a realidade local; 2) a injustiça ambiental como aspecto pedagógico relevante, no sentido da educação freireana, do sujeito tornar-se consciente de sua posição histórica e política (FREIRE, 1989); 3) a necessidade de uma educação ambiental transformadora daquela realidade. E eu pude reconhecer a importância do produto desta oficina, para além dos benefícios pessoais a minha dissertação: a função que o filme cumprirá na memória destes moradores – poucos meses após esta exibição, no início de 2014, a prefeitura mandou funcionários que cortaram os dois pés-de-jaca. Não se sabe exatamente qual o motivo que os levou a fazer isso, mas quando os moradores do Muquém quiserem relembrar esta história, poderão recorrer ao produto dos estudantes do curso audiovisual Memória Portátil.

5. Fronteira

Um dos conjuntos habitacionais, construídos a partir de 2012, e já concluído, foi oferecido apenas para alguns desabrigados da última enchente, em 2010. Analisando um caso com impacto similar, apesar de em um contexto diferente, BULLARD (2009) diagnosticou os efeitos do Furacão Katrina em Nova Orleans, nos Estados Unidos, em agosto de 2005. Segundo seu levantamento as principais vítimas foram os moradores da periferia pobre, em sua grande maioria afro-americanos, e que, após a catástrofe que desabrigou milhares de pessoas se viram sem qualquer auxílio do governo. Em meio a estes havia empreendedores, comerciantes, médicos, não apenas desempregados, mas contribuintes de peso na economia local, que se viram alijados de todos os recursos públicos ou particulares para poderem se reerguer socialmente. Logo na introdução do livro, Bullard, levando em conta o recorte racial, um de seus focos de pesquisa, situa algo que é comum em vários lugares do mundo, inclusive em União dos Palmares:

In the real world, all communities are not created equal. If a community is poor, black, or on the wrong side of the tracks, it receives less protection than suburbs inhabited by affluent whites. Generally, rich people take land on higher elevations, leaving the poor and working class more vulnerable to flooding and environmental pestilence. (BULLARD, 2009, p.1)

No mundo real, todas as comunidades não foram criadas iguais. Se uma comunidade é pobre, preta, ou situada no lado errado da linha, ela recebe menos proteção do que subúrbios habitados por brancos ricos. Geralmente, as pessoas ricas ocupam os terrenos mais elevados, deixando a classe pobre e trabalhadora mais vulnerável a inundações e pestilência ambiental. (BULLARD, 2009, p.1, tradução nossa).

Ao apontar a desigualdade social como forma de acessibilidade, tanto aos melhores bens e moradias, como à “proteção” do estado, vemos algo em comum entre as duas situações de catástrofes naturais: as enchentes em União dos Palmares, e a inundação provocada pelo Katrina em Nova Orleans, nos Estados Unidos da América. Ambas as cidades apresentam esta característica de comunidades rurais ou de periferias ribeirinhas, pobres, essencialmente formada por pretos e pardos, que estão distantes do Centro e à mercê de catástrofes naturais.

Para efeito de exemplo, cito a ocasião em que, durante as atividades com os estudantes do curso Memória Portátil, em União dos Palmares, fomos entrevistar as vítimas da enchente no Quilombo do Muquém – a maior comunidade de remanescentes de Quilombos no município –, e uma senhora viúva contou sobre a chuva de 2010, da qual só escapou porque se pendurou por dez horas em um grande pé-de-jaca com aproximadamente trinta pessoas:

(...) quando foi de quatro horas em diante, o rio pegou encher, pegou encher... a gente colocava um pauzinho na beira do rio assim... colocava, colocava e a água vinha passando do páu, e a água passando do páu... e a gente foi botando até debaixo do pé de manga, aí a gente não aguentou mais. Aí quando deu de tarde começou a chover... daí deu essa grande cheia né? E acabou com tudo... a vida continua, mas se não fosse o Pé-de-jaca a gente tinha morrido tudo junto. (Moradora 2)

Ela descreve esta situação da beira do Rio Mundaú, que banha sua comunidade. Desta localidade as casas foram abaixo mas foram reconstruídas ao longo dos anos, já que alguns Quilombolas são protegidos pelas legislações de posse de suas terras, e também porque este Quilombo é um pouco mais distante do centro do município que o povoado de Santa Fé.

Outro elemento levantado por Bullard (op.cit), e que é uma frequente não apenas em catástrofes nas cidades citadas, mas em outras que ocorreram no Brasil e repercutiram nas TVs e jornais, como em Petrópolis no Rio de Janeiro, é a questão da demora. A demora é apresentada por ele como uma forma de não atender a este público necessitado de apoio emergencial por não ter os recursos para se reerguer. Já são pobres, têm poucos bens, vivem em moradias precárias, muitos são desempregados e vivem de trabalhos esporádicos e muitas vezes informais, e sem apoio do poder público, eles não têm como se reinstalar no mesmo lugar ou em um lugar mais seguro. Neste sentido a migração de alguns desabrigados dessas comunidades para Santa Fé foi providencial, já que os mantém longe o suficiente do convívio com o centro da cidade mas não o suficiente para que sua mão-de-obra fique indisponível. Bullard (op.cit) também usa citações em sua pesquisa para ilustrar, no caso de Nova Orleans, como os moradores de bairros brancos e endinheirados, preocupados com a valorização de seus terrenos caso esses desabrigados migrassem para suas regiões temporariamente:

Some small white rural towns adopted NIMBY-ism (Not in My Back Yard) to keep out temporary housing (Chang, Soundararajan, and Johnson, 2005, P.18).

Algumas pequenas cidades rurais habitadas por brancos adotaram o NIMBY-ismo (Não no Meu Quintal) para impedir a entrada de alojamento temporário (Chang, Soundararajan, e Johnson, 2005, p.18, tradução nossa).

A análise feita por Bullard (op.cit) e os demais autores dos artigos que compõe o livro, leva-o a concluir a partir de toda uma pesquisa, após três anos da catástrofe do

Katrina em Nova Orleans, analisando todo o contexto, social, político-econômico e etnográfico do lugar, que:

The shortage of low-income and affordable rental housing will keep most of these evacuees from returning (p.56).

A escassez de baixa renda e habitação para arrendamento a preços acessíveis evitará o retorno desses refugiados (p.56). Tradução livre

É assim que se configura o Racismo Ambiental (BULLARD; WRIGHT, 2009) que perpassa este processo, que mesmo afastado por continentes representa um posicionamento padrão do poder público fora dos grandes centros para lidar com a questão da posse da terra e do controle de sua população nestas regiões.

6. Território e biopoder

A conveniência da localização deste povoado nos remete também a um projeto de vigilância (FOUCAULT, 2009) e ao que ele denomina de governamentalidade (FOUCAULT, 1997).

Foucault (1997) chamou de *estratégia de governamentalidade* “por em funcionamento a economia, uma economia ao nível do Estado inteiro, isso é, com relação aos habitantes, às riquezas, à conduta de todos e de cada um e ter uma forma de vigilância, de controle”. (p.84)

Na abordagem foucaultiana o conceito de *território* surge, inicialmente, de forma geopoliticamente mais restrita e, geograficamente, “tradicional”, ligado, sobretudo ao “poder soberano”, ao poder centralizado na soberania do Estado até chegar nas abordagens consideradas de segunda fase, em que são desenvolvidos os conceitos de *biopolítica*, *biopoder*, *governamentalidade*, entre outros.

Com isso, a implantação da política revela aquilo que Foucault denominou de *biopoder*, uma nova tecnologia, distinta dos mecanismos disciplinares, que tem por objeto a população e seu gerenciamento a partir do conhecimento de suas regularidades, para fins de segurança e controle social.

No âmbito do nosso estudo, em caso de uma catástrofe natural onde os mais pobres, afetados pela enchente por morar nos piores locais (no caso as proximidades do Rio Mundaú) poderiam se acomodar de forma a estar sobre um maior controle do poder público?

Se pensarmos alegoricamente sobre esta migração dos primeiros moradores para a colônia prisional, encontraremos semelhanças entre as sentenças em julgamentos: o grande teatro da punição a essas pessoas foi a catástrofe da enchente em seus bairros, fazendo-os perder suas moradias. A sentença foi o encarceramento voluntário neste povoado por tempo indeterminado, já que o prazo oferecido pela sentença até agora não foi cumprido a estes moradores. Quando analisava a fase de transição entre as punições públicas e a carceragem, Foucault (2009) colocou:

A punição vai-se tornando, pois, a parte mais velada do processo penal, provocando várias consequências: deixa o campo da percepção quase diária e entra no da consciência abstrata; sua eficácia é atribuída à sua fatalidade não à sua intensidade visível; a certeza de ser punido é que deve desviar o homem do crime e não mais o abominável teatro; a mecânica exemplar da punição muda as engrenagens. Por essa razão, a justiça não mais assume publicamente a parte de violência que está ligada a seu exercício. (p.13).

Neste caso, mesmo a pena não sendo dada oficialmente aos moradores por um crime previsto em lei, sua pena há de ser paga na ilegalidade, pois a mesma moradora citada anteriormente, ao falar sobre considerar o pavilhão como sua casa, cita que só

não pode chamar aquele espaço de casa por saber que é um espaço do “governo”. Neste caso pensamos: ao mesmo tempo eles estão como invasores de um espaço do poder público, mas são cadastrados, têm endereço, têm serviços de educação e saúde (com deficiências, mas estes se fazem presentes e próximos). Pouca diferença há entre o presídio e os pavilhões de Santa Fé, exceto que a distância configura um guardião eficaz para o povo da cidade, e com isso, como na citação anterior, a responsabilidade sobre estas famílias cai em esquecimento.

A grande diferença entre suas moradias anteriores (em alguns casos moradias rurais ou quilombolas) e a colônia prisional de Santa Fé é a distância em relação ao Rio Mundaú, ou a qualquer outro lugar que possa lhes causar algum outro acidente natural. Ao mesmo tempo o povoado garante uma distância destes moradores que já não viviam próximos ao Centro do Município, sem acesso fácil ao transporte, já que os moto-táxis são todos do centro da cidade, e só podem ser chamados por telefone celular, e os poucos ônibus passam a pouco mais de um quilômetro da entrada do povoado, e são intermunicipais. A luz ilegal e a água que não chega até as casas demonstra que não há intenção de investimento do poder público no local, mas há a constante ameaça de remoção dos que não seguem para as casas populares, assim que estiverem disponíveis. Entrevistando algumas pessoas, vi que alguns inclusive se sustentam com trabalhos realizados na própria região, como consertar bicicletas, criar porcos ou galinhas, dentre outros pequenos trabalhos, e cujo público alvo está dentro e no entorno do povoado, já que no quilômetro que o separa da estrada há uma comunidade que cresceu, inclusive com alguns ex-moradores da Colônia Prisional.

7. Memória portátil - encaminhamentos

No próximo trabalho de campo, o curso audiovisual focará a técnica de animação. A partir de minha experiência de quase 18 anos em ensino de animação e oficinas livres que ministrei, seja pelo Festival Anima Mundi ou no projeto Anima Escola⁸, adaptarei a didática menos para o resultado do filme de animação, mas para o olhar dessas crianças do ensino fundamental e prioritariamente as moradoras de Santa Fé para os temas “minha escola” e “minha casa”. Pretendo, a partir de narrativas espontâneas, identificar em seus traços e narrativas orais (que serão usadas para a conclusão das animações, como no curso dos adultos), como eles veem o espaço onde vivem e foram criados, e como eles enxergam o seu espaço de ensino. Se percebem as semelhanças entre os dois espaços, e buscarei descobrir se existe alguma memória da situação de desabrigados e de ocupantes irregulares de moradia em suas representações e ilustrações. Acredito que a referência de lar já está assimilada em seus cotidianos, ainda experimentando o mundo, mas como o arame farpado e as janelas gradeadas se veem presentes em seu cotidiano domiciliar, assim como nas cercas que passam a separar cada “lote” do povoado, assim como os “apartamentos” dentro de cada pavilhão, imagino que estes símbolos de alguma maneira se farão presentes em alguma representação, ao contrário das águas do rio, já que estas pelo menos não afetam a quem já está em Santa Fé.

⁸ Anima Mundi é um festival internacional de animação, criado em 1993 no Rio de Janeiro, que foi importante na formação de um mercado profissional de animação. Anima Escola é o curso de formação para professores e alunos em técnicas de animação para práticas pedagógicas em escolas públicas, do qual fiz parte a partir de 2008.

Após analisar estas ilustrações, e identificando aquelas onde estariam representados estes símbolos, pretendo entrevistar seus pais ou responsáveis sobre as questões que se farão presentes no documentário (que será o capítulo final da futura dissertação) e no texto final, acrescido. Partindo daí buscarei a memória desta transição provocada pela enchente, como já fiz nas entrevistas anteriores, e devo descobrir como isso se reflete ou não na educação dessas crianças nascidas e criadas nos pavilhões, deixando para elas uma primeira referência crítica de suas visões sobre o espaço que ocupam em sua região e no mundo, contribuindo para esta educação ambiental crítica que busco neste trabalho.

Considerações finais

O Racismo Ambiental se faz presente dentro e fora da escola. O pátio da entrada da escola é a única área de convívio para os alunos, que não têm uma área de lazer ou quadra dentro deste espaço prisional adaptado. Se por um lado o ensino está presente na comunidade com os mesmos produtos e serviços que as demais escolas recebem para a sua prática, o laboratório de informática, cujos computadores já estão na sala prontos para ser ligados desde 2013, até abril de 2014, quando fiz a visita, ainda não tinham sido instalados e preparados para funcionar. Em um povoado onde suas quase cem famílias não têm banheiros em seus domicílios, nem água encanada, e a escola e o posto de saúde cumprem este papel, cria-se esta ligação da presença do governo no local onde ele controle o cotidiano desses alunos e seus familiares, sem melhorar suas condições de vida com saneamento básico, além de fornecimento dos serviços essenciais como energia elétrica e água encanada. A escola surge como uma moeda de troca na dívida do governo com esses moradores a quem foi prometida uma opção de moradia, que a cada catástrofe é preterida às vítimas dos eventos anteriores.

Sobre os números da educação, não diferem das demais periferias do Brasil, em relação à reprovação ou analfabetismo funcional no primeiro segmento. Mas ao relembrar a familiaridade do espaço domiciliar e escolar, com larga vantagem para a escola por ter paredes pintadas, arremates da obra bem acabados (o que não acontece nos pavilhões onde moram), entende-se que toda a significância do espaço prisional está assimilada pelos jovens, que já vivem em casas escuras, cercadas e gradeadas. Eles não percebem que o pouco deslocamento de casa para a escola, a vida na comunidade e as poucas opções de transporte para outras localidades faz com que o verdadeiro espaço de vigilância dos moradores seja o próprio povoado de Santa Fé, onde eles cumprem o seu papel de número nos dados de atendimento da rede de ensino e saúde, cujos adultos são eleitores a mercê de promessas, e onde as iniciativas de subsistência limitam mais o acesso aos outros serviços que o município pode lhes oferecer. Neste contexto se vê como uma grande contribuição um foco em uma educação ambiental crítica para trazer estas questões, aos professores ou aos estudantes, e o cinema é uma ferramenta agregadora, seja pela produção fílmica que incentiva a pesquisa de tema e o trabalho em grupo, ou pelo efeito que a exibição de uma obra cinematográfica ainda causa às pessoas. Sem essa visão as regiões ribeirinhas como as de União dos Palmares continuarão a criar comunidades frágeis politicamente, e sem se posicionar de forma mais efetiva em futuras enchentes ou outras situações de ordem social. Santa Fé e a Escola Municipal Maria Mariá de Castro Sarmiento acabam por ser o resultado alegórico destes eventos.

Ou como provocaria Foucault (2009, p.45):

Devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais, e todos se pareçam com as prisões?

Referências bibliográficas

BULLARD, RD. **Race, Place, and Environmental Justice After Hurricane Katrina: Struggles to Reclaim, Rebuild, and Revitalize New Orleans and the Gulf Coast.** Boulder, CO: Westview Press. 2009

COUTINHO, Afrânio (org.). Jorge de Lima. **Obra Completa.** Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958, vol. I.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____ **O nascimento da biopolítica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

ROSA E SILVA, Enaura Quixabeira & BOMFIM, Edilma Acioli. **Dicionário Mulheres de Alagoas Ontem e Hoje.** 2007, Maceió, UFAL. Pag. 279.